

Giovanni Traettino

O REINO DOS CÉUS NA TERRA

A responsabilidade da Igreja na transformação social das nações
A responsabilidade da Igreja na transformação moral das nações

Bem-vindos

«Pai nosso que estais nos céus... venha o teu reino;
«Faça-se a tua vontade tanto na terra como nos céus».

Mateus 6:9-13

Giovanni Traettino

Queridos irmãos,

É uma grande alegria estar de novo juntos, como convidados do querido pastor Ángel Manuel Hernández Gutiérrez. Agradecemos a vocês e à valiosa comunidade que nos acolhe, a Igreja Missionária Cristã Moderna. Foi meu desejo pessoal nos reunirmos aqui para a consulta deste ano, porque desde o primeiro encontro com o pastor Ángel e sua comunidade sentimos uma grande afinidade entre a espiritualidade deles e a que temos cultivado ao longo destes anos. Por isso fico feliz de podermos nos reunir aqui para esta décima-novena reunião da AFI.

Boas-vindas e introdução

Aproveito com muito gosto esta oportunidade, na minha qualidade de coordenador permanente da AFI, para dar as calorosas, fraternais e afetuosas boas-vindas a todas as irmãs e irmãos que dedicaram estes dias, em alguns casos com espírito de sacrifício, para renovar nossos relacionamentos, aprofundar nossa comunhão e refletir juntos sobre uma questão que consideramos de importância estratégica, sem dúvida para o nosso caminho futuro, mas também e acima de tudo para o progresso de toda a Igreja no século XXI. Após as reflexões do ano passado sobre «Os desafios que a Igreja enfrenta no mundo moderno», este ano o nosso tema é «O Reino dos Céus na terra», com especial atenção à responsabilidade da Igreja na transformação moral e no que, na minha opinião, está relacionado com ela de muitas maneiras: a transformação social.

Todo o âmbito relacionado com estes retos reveste um interesse especial para os ministérios apostólicos, mas também diz respeito àqueles que ocupam cargos de liderança ou coordenação, que são fonte de inspiração ou influência na vida da família espiritual a que pertencem. Nem sempre é uma posição fácil; entre outras coisas, porque poderíamos —talvez de forma inconsciente— estar condicionados por influências psicológicas, estados de ânimo, mentalidades e tradições teológicas e culturais herdadas, aceites de forma simplista e acrítica, que limitam a nossa compreensão do plano de Deus e nos impedem ter uma visão clara da realidade.

Pode tornar-se crucial para a nossa vida e o nosso ministério ouvir, abrir os olhos e tomar consciência desta realidade, porque poderia acontecer de as nossas certezas, os nossos paradigmas, a nossa compreensão e as nossas igrejas serem colocados em causa e começarem a mostrar os seus limites ao enfrentarem a realidade do mundo que nos rodeia; Um mundo cada vez mais mutável, caracterizado por potentes processos de abertura («globalização») e, ao mesmo tempo, por um recuo defensivo paralelo por parte de muitos grupos sociais, sejam étnicos, culturais, políticos ou espirituais.

Penso —no âmbito cristão— no «espírito» das confissões religiosas construídas com bases fortemente defensivas e «tribais», ou no «soberanismo» que gera novas e preocupantes formas de nacionalismo. Penso nas teologias derrotistas e escapistas que dão lugar a narrativas aterrorizadas e pessimistas, que conduzem a interpretações negativas do presente e a visões de futuro carentes de profundidade e esperança. Estas geram resignação e rejeição da responsabilidade pelo «bem comum» no presente, bem como uma falta de perspetiva e de visão para o futuro do Reino de Deus na Igreja e na história.

Ao preparar-me para este encontro, li as contribuições dos demais palestrantes e foi edificante a perspectiva positiva da fé que acompanhou a sua reflexão, e animou a prática comum da virtude fundamental da esperança com vistas ao plano de Deus para a história e para a Igreja. Deus reina! Aleluia!

O papel da Igreja como elemento de ligação

Agora bem, como alguém apontou: «Uma das questões mais difíceis no estudo do Reino de Deus é a sua relação com a Igreja». E estamos aqui para analisar a função da Igreja como instrumento de Deus para promover a justiça social e a moralidade, bem como o seu papel como elemento de ligação e interface. Isto levanta de imediato a questão da nossa compreensão da Igreja (a sua natureza e o seu alcance,

a sua essência e a sua «visibilidade» histórica) e dos seus níveis historicamente «variáveis» e «mutáveis» de fidelidade à sua missão de ser sal e luz do mundo («a Igreja dos santos» ou «uma santa prostituta?»). Este é um debate que continuou a fascinar os cristãos ao longo dos séculos e que continua a ser crucial na nossa geração. É de importância decisiva para o «progresso rumo à plenitude» do futuro desígnio de Deus para o mundo e para a contribuição que a Igreja é chamada a dar para o sucesso desta estratégia.

O Reino de Deus, a Igreja e a sociedade

No início das nossas deliberações, será útil recordar o contributo das reflexões desenvolvidas durante a primeira década do nosso percurso (2000-2010). Por este motivo, convido-vos a ler os documentos disponíveis na nossa página web (www.afint.org) relativos às Consultas realizadas no Chile em 2008, na Nigéria em 2009 e em Itália em 2010.

No Chile começámos a abordar o tema do «Reino de Deus, Igreja e Sociedade», e continuámos com o mesmo tema durante os dois anos seguintes na Nigéria e em Itália. Pareceu-nos evidente, tal como ficou patente a partir das principais contribuições em Santiago, que existe uma conexão e uma continuidade, uma relação estreita e profunda, que, numa perspetiva cristã, pode e deve estabelecer-se entre estas três realidades: o Reino de Deus, a Igreja e a sociedade.

Cito textualmente:

«O tema do Reino é fundamental para a Igreja e entrelaça-se com o seu caminho rumo à plenitude; porque o caminho rumo à plenitude coincide com o processo de crescimento e expansão do Reino; e porque a plenitude é, na realidade, a plenitude da vida do Reino, o Reino de Deus plenamente realizado. Isto é verdade a nível pessoal (a pessoa como morada de Deus por meio do Espírito), a nível interpessoal (a comunidade como morada de Deus por meio do Espírito) e a nível ecológico e universal (a terra e o universo transbordantes da Sua glória!). Nesse momento, Deus terá sarado, habitado e enchido de si mesmo todas as relações e toda a criação! Uma nova criatura! Uma nova comunidade! Uma nova criação!

E além disso:

«No decurso destas reflexões... deparámo-nos com o tema da “Transformação”! O tema da Plenitude e o do Reino colocam, no desígnio de Deus, a questão da Transformação: a transformação do cristão individual e da

comunidade cristã e —na medida em que estes se transformam, mesmo que apenas seja parcialmente (¡mas de verdade!)— também da sociedade e da terra em que vivemos.

«Tudo isto teve a sua origem no desejo insaciável, invencível e irreversível que Deus sempre teve, desde sempre, de habitar e possuir o coração do homem. ¡É o que eu gosto de chamar —ainda mais do que o Evangelho do Reino— o Evangelho do Desejo! Devemos partir do Evangelho do Desejo para compreender o Evangelho do Reino. Devemos partir do coração de Deus para compreender o coração do Reino. ¡O Evangelho do Reino não é outra coisa senão o Evangelho do Desejo que Deus sempre teve e continua a ter: o de entrar e possuir o coração do homem!"

«¡A ponte, o vínculo entre o Evangelho do Desejo e o Evangelho do Reino, é o Evangelho da Encarnação! O propósito de Deus era habitar e experimentar o homem —o novo tabernáculo (!)— desde dentro: um tabernáculo que já não é feito de paredes de tecido, madeira ou pedra, mas de paredes de carne. Foi inaugurado por Deus em Cristo («Não quiseste nem sacrifício nem oferta, mas um corpo que me preparaste»), e continua nos cristãos através da irrupção e da morada do Espírito Santo («O vosso corpo é templo do Espírito Santo que está em vós»).

«Mas tudo isto estaria incompleto se não compreendêssemos que o objetivo último do Evangelho do Desejo, do Reino e da Encarnação é o Evangelho da Transformação. O desejo de Deus sempre foi a recuperação plena do homem para o transformar, desde dentro, na sua vida pessoal e nas suas relações, à sua imagem

e semelhança».

A terra e a criação

Esse mesmo plano de redenção e transformação inclui, naturalmente, também a terra e toda a criação. Portanto, o desfecho final da história não será —como alguns acreditam ou parecem acreditar— a destruição, mas, tal como com a ressurreição de Cristo, «novos céus e uma nova terra»: ¡renovação e transformação! Como está escrito: «Então o que estava sentado no trono disse: “Eis que eu faço novas todas as coisas”». E noutro trecho: «A criação geme e sofre dores de parto... a criação espera com impaciência a revelação dos filhos de Deus».

A manifestação dos filhos de Deus

¡A manifestação dos filhos de Deus! ¡Na «pessoa» do crente; na «pessoa» da Igreja! O cristão habitado por Deus e a Igreja habitada por Deus são o Seu

investimento estratégico no futuro da humanidade e da criação, pois, na concepção cristã da história, a dimensão «pré-política» da relação com Deus e com nossos irmãos precede e constitui o fundamento da dimensão «política» do compromisso dos cristãos e da Igreja na sociedade e no mundo. A dimensão política deve estar enraizada e comprometida (imersa, motivada e posta em prática) na oficina da relação «pré-política» com Deus e com os demais. A transformação do cristão e da Igreja precede e constitui o fundamento espiritual de sua desejável e possível contribuição para a transformação da ágora e da pólis; a dimensão altamente complexa e exigente da cidade, do trabalho, do governo e do Estado. Em resumo: do «foro interno» ao «externo»!

Responsabilidade cristã

A partir desta premissa podemos compreender a necessidade de uma renovada consciência da «responsabilidade cristã» na sociedade e na política: uma necessidade baseada na lógica divina da Encarnação como fundamento espiritual e teológico do compromisso concreto. «Importa-me!» A «imersão», por assim dizer, precede a «comunhão». A vida de Deus «interiormente» precede a eficácia da vida cristã «exteriormente». A imersão em Cristo do cristão e da Igreja vem antes da eficácia da relação do cristão com a sociedade (o corpo social) e com o Estado. O compromisso no âmbito social e político transforma-se, para o cristão, em «uma forma exigente de viver o compromisso cristão de servir aos outros»; a política transforma-se na organização coletiva (ou social) do amor cristão (ágape), uma forma de estender e dar concreção cotidiana à inspiração cristã do amor pelos irmãos, pelo próximo e pelo mundo; a responsabilidade a que todo cristão está chamado de buscar o «bem comum» da cidade. Como está escrito: «Buscai a paz da cidade para a qual vos deportaram e orai ao Senhor por ela; pois na sua paz encontrareis a paz». E nos Evangelhos: «Amas o teu próximo como a ti mesmo!».

Cristo, por tanto, a vida de Cristo no cristão, faz possível e eficaz a vida do cristão na Igreja. Cristo, a vida de Cristo na Igreja, faz possível e eficaz a vida da Igreja na sociedade e no mundo. Cristo, a transformação que Cristo opera no cristão, faz possível e eficaz a transformação das relações na Igreja. A transformação que se produz através das relações na Igreja (e entre as Igrejas!) faz possível e eficaz a ação transformadora da Igreja na sociedade e no mundo.

Atrasos

A distância entre a nossa experiência pessoal e comunitária e o impacto moral e social do Evangelho do Reino se explica pela nossa lentidão em abrir espaço —e continuar abrindo— ao governo de Deus em nossas vidas e em nossos relacionamentos. Caminhar “na carne” é, infelizmente, mais comum do que caminhar no Espírito! O conflito e a divisão costumam prevalecer sobre a busca pela unidade e pela reconciliação. O segredo continua sendo o mesmo: a vida em Cristo: «Eu sou a videira, vós os ramos. Aquele que permanece em mim e eu nele, dá fruto abundante, pois sem mim nada podeis fazer»; e a unidade cristã: «Que todos sejam um, como tu, Pai, estás em mim e eu em ti; que também eles sejam um em nós, para que o mundo creia que me enviaste. E a glória que tu me deste, eu a dei a eles, para que sejam um como nós somos um: eu neles e tu em mim, para que sejam aperfeiçoados na unidade para que o mundo saiba que me enviaste e que me amaste como me destes a mim».

O instrumento da Igreja

Sobre estas bases, partindo de uma Igreja que permanece vigilante em sua relação com o Espírito Santo (vida interior) e cultiva de dentro a integridade de seu testemunho (vida santa), a Igreja poderá desenvolver de forma cada vez mais crível e eficaz sua função de principal «agente do Reino», tanto em sua relação com a humanidade em geral como nas diversas manifestações da sociedade em particular. O «aroma» da vida dos discípulos e a «atmosfera» da vida de comunhão se tornarão, como o fermento na massa ou uma semente de trigo que cai na terra e morre, um fator poderoso para tornar fértil a vida da «cidade». Como alguém disse: «São as coisas essenciais que dão sentido à vida». O «exemplo evangelizador» da Igreja difundirá sua influência principalmente, como em Jerusalém, por atração e imitação. De fato, terá adquirido uma capacidade duradoura de koinonia e de serviço, que são os dois principais rios de graça que nesta etapa nós —como Igreja que sai— podemos derramar na sociedade e no mundo. Uma «Igreja de comunhão» e uma «Igreja de serviço».

Uma Igreja de comunhão

Uma Igreja de comunhão porque dá testemunho da autenticidade de estarmos enxertados e enraizados no «Deus das relações»; um reflexo do poder transformador da «glória», da «mentalidade» e do «Espírito de Cristo», graças à eficácia de sua presença em nós e entre nós. Uma Igreja que manifesta a «continuidade» da vida de Deus em nossas vidas e que busca «contagiar» e envolver nossos vizinhos em nossa vida de comunhão...

Uma igreja a serviço dos outros

Uma Igreja em serviço! Porque é o testemunho da possibilidade de entregar nosso orgulho a Deus, de uma vitória contracultural sobre o egoísmo e o individualismo que caracterizam nossa época, os dois inimigos mortais da vida social e da promoção do «bem comum». Como alguém a definiu, «a Igreja do avental», em referência ao avental que Jesus usou durante a Última Ceia enquanto lavava os pés de seus discípulos. «Devemos opor-nos à ideia de uma Igreja triunfante, que atua como virrei de Deus na terra... e esforçarmo-nos por seguir o exemplo de Jesus, que afirmou ter vindo para servir». Devemos resistir a qualquer tentação de voltar a uma Igreja constantiniana. Como escreveu Bonhoeffer a partir de uma prisão nazista: «A Igreja só é tal quando existe para os outros... A Igreja deve participar dos problemas seculares da vida humana ordinária, não dominando, mas ajudando e servindo. Deve dizer aos homens de toda vocação o que significa viver em Cristo, existir para os outros».

A vocação específica da AFI

Para concluir esta reflexão, gostaria de me colocar a mim mesmo e a vós uma pergunta: em resposta ao tema «Vem o teu Reino», qual é, se é que existe, a característica distintiva do ministério apostólico? Mais concretamente, qual é a vocação e o mandato da AFI? Qual é o da AFI, com a sua consciência do « Evangelho do Reino » na Igreja e em relação a ela, como expressão real, ainda que parcial, da ação e da vida do Espírito na Igreja? Principalmente em termos de comunhão e serviço? Na comunhão entre nós e no serviço ao mundo e à Igreja?

E, para abrir espaço à reflexão, volto a recordar as palavras do meu querido irmão Himitian a propósito do nosso primeiro encontro no ano 2000 em Positano:

«Precisamos criar um lugar internacional de reflexão, de oração e de revelação, para ouvir a Deus e ouvir uns aos outros. Precisamos comunicar-nos e saber o que Deus está a fazer em várias partes do mundo, bem como o que está a dizer. Precisamos renovar a nossa aliança com Deus. É uma aliança de fidelidade e lealdade à revelação do mistério de Cristo; uma aliança de integridade, abnegação e consagração, mas também de amor, respeito, humildade, companheirismo e amizade mútua».

Obrigado!

Giovanni Traettino